# Informação gödeliana anti-IA - 03/12/2020

Nicolelis já anuncia a força do conceito no capítulo 1: “introduzo uma noção  
fundamental para a minha tese central: uma nova definição operacional para o  
conceito de informação, que chamei de informação gödeliana, podendo ser  
manipulada por tecidos orgânicos e cérebros animais como o nosso[i]”.  
  
Pois bem, no capítulo 3 a informação gödeliana entra em cena para interagir  
com o bit de Shannon. Por um lado, a informação medida em bits é a informação  
digital, por outro lado nosso cérebro e nosso organismo armazenam informação  
não quantificável (um punhado). E são justamente essas noções que me despertam  
velhos fantasmas[ii]:  
  
1. Como processamos e armazenamos as informações do mundo?  
  
2. Em que momento ocorre nosso processo decisório?  
  
3. Há decisões conscientes?  
  
4. Haveria espaço para o livre-arbítrio em alguma situação?  
  
5. Haveria espaço para um epifenomenalismo?  
  
O grau com que venho me tornando descrente já me faz praticamente abandonar a  
última questão e talvez me torne um materialista radical[iii]. E, pelo que  
aparenta até agora, a argumentação de Nicolelis procede nesse sentido, é  
evidente, já que o criador de tudo é o cérebro orgânico [e suas ficções?][iv].  
  
Se voltarmos para as questões iniciais vemos que elas dão conta de um assunto  
inter-relacionado e que tentei tratar \_en passant\_ em um trabalho acadêmico.  
Convém esquematizar o raciocínio pobre.  
  
![](https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEjFdyq\_QJ4VfktDqWiW5oXwP0pGZG1NIk7E0G3jWbU9sRJmse2mcB-  
oWMWEwgH-H-  
m\_3YMyp3iWk2eJZxRocM62VJcv9A76CmHuVJSYQY4bM5gebhmnQbbYG2Qo4JLWVDdF8VLA3f3Qc4E/w508-h315/esquema+epifenomenalista.PNG)  
  
   
  
Imaginando que a figura acima ilustra um esquema epifenomenalista, ou seja, a  
mente seria espirrada do cérebro como uma sobra ou uma fumaça de um processo  
de combustão. O organismo, por sua vez e pelos sentidos, absorve o que está  
por aí, seja no mundo ou nas entrelinhas, nas  
nuances[[v]](file:///C:/Users/quissak-l/Desktop/Informa%C3%A7%C3%A3o%20g%C3%B6deliana.docx#\_edn5).  
O trabalho acadêmico era sobre educação e, qual foi o ponto: problematizar o  
torpedeamento informativo, a guerra de narrativas que, proveniente do mundo,  
influenciaria corpo, cérebro e mente (etc.). Isso seria possível em esquema  
onde não há uma decisão consciente, voluntária tão clara, tão óbvia. O  
trabalho foi um fiasco.  
  
Entretanto, a informação gödeliana que Nicolelis conceitua, também advoga  
contrariamente ao nosso argumento, pois ela ainda salvaguardaria a livre  
decisão, inclusive recorrendo-se aos experimentos de Libet! [vi] Mas então  
voltemos ao terceiro capítulo e vamos fazer um recorte da argumentação do  
pensador catedrático.  
  
\* \* \* \* \*  
  
De acordo com Nicolelis, viver consiste em dissipar energia para embutir  
informação no organismo. Ou seja, há uma base termodinâmica na argumentação  
que ele traz de Prigogine[vii]. Nicolelis observa que árvores estocam  
informação climática em seus anéis enquanto crescem. Assim como em nosso  
processo de aprendizado há um armazenamento de memórias no tecido nervoso –  
essa é a plasticidade do cérebro, sua capacidade de mudar de configuração  
física.  
  
Então, a termodinâmica da vida é dissipar energia para produzir conhecimento.  
“O que é a vida?”, perguntaria Abu[viii]. A vida é liberar calor (respirar).  
Há queima de alimentos pelo oxigênio[ix]. É um processo de entropia que gera  
informação. E aí Nicolelis vai ao pai do bit, Shannon, bit: unidade de  
mensuração (S-info). E aqui o interessante é que informação é a medida  
incerteza, informação é surpresa. Ou seja, a mesmice não traz informação. Mas  
o bit é a medida é o computador digital. É Turing.  
  
Por outro lado, Gödel conceitua a informação contínua e analógica (G-info) e  
que não pode ser copiada por um algoritmo. E Nicolelis mostra sua face anti-  
IA. A abstração mental é a conversão computador-cérebro (“S-info”-“G-info”).  
Entretanto, o computador não da conta do ambíguo, como o cérebro. É uma  
relação sintático-semântica. E ocorre que, nessa perspectiva, a possível  
experiência da decisão inconsciente de Libet torna-se uma decisão da G-info  
acumulada que é armazenada pela queima de energia que traz o acúmulo orgânico.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Nicolelis, Miguel. \_O verdadeiro criador de tudo: Como o cérebro humano  
esculpiu o universo como nós o conhecemos\_. São Paulo: Planeta, 2020. Pg. 18.  
  
[ii] Não tão velhos assim...  
  
[iii] Será?  
  
[iv] Segundo Nicolelis, o cosmos é uma gigantesca massa de informação  
esperando observação.  
  
[v] Pensemos que mesmo a fumaça dissipada pela combustão e que “não serve para  
nada” vai para algum lugar.  
  
[vi] Ver: https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2018/03/nao-estamos-no-  
comando.html.  
  
[vii] Nobel de química de 1977. Termodinâmica: parte da física que estuda as  
trocas ou transformações de energia.  
  
[viii] Houve uma resposta anterior:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2014/08/serie-3-perguntas-eu-  
respondo.html>.  
  
[ix] Conforme <http://www.usp.br/qambiental/combustao\_energia.html>, acesso em  
3/12/2020: A respiração é um processo de combustão, de “queima de alimentos”  
que libera energia necessária para as atividades realizadas pelos organismos.  
É interessante notar que a reação inversa da respiração é a fotossíntese (...)  
onde são necessários gás carbônico, água e energia (vinda da luz solar) para  
liberar oxigênio e produzir material orgânico (celulose) utilizado no  
crescimento do vegetal.